

ENTREVISTAS

porque ele diz uma coisa: normalmente na Fórmula 1 nós esquecemos que temos 11m de pista e que a pista é para usar e eu uso a pista toda. E realmente é engraçado este conceito de um piloto usar a pista toda. Eu acho que nós dentro de todas as possibilidades que tínhamos e independentemente das circunstâncias programáticas, financeiras, etc, utilizamos todas e e isso é uma qualidade do projecto.

Coisas que mudássemos, claro que há pequenas coisas que uma pessoa se torna mais exigente. A única coisa que tenho profundo desgosto, mas que não depende de nós, é o asfalto do parque de estacionamento da cobertura. Nós queríamos que o parque tivesse a cor do próprio museu e escolhemos um asfalto que não pode ser implementado, não propriamente pela nossa responsabilidade, mas que de certa forma tornava o estacionamento muito mais em sintonia com a própria peça. E hoje percebe-se que o estacionamento que ele não está em sintonia, fica um pouco estranho. Efectivamente deveria ter a cor do museu. Ai talvez teríamos de “bater mais o pé”.

Tiago P.: Todo o edifício, inclusivamente a estrada que leva a Foz Côa e a iluminação, etc, tudo aquilo foi feito em função da paisagem e da integração do edificio com a paisagem. Portanto custa sempre ver pequenas decisões que o resultado seja de certa maneira fragilizado. Mas isto é uma coisa que os arquitectos estão sempre a ser confrontados, ou seja, nós fazemos o projecto, define as condições dentro do nosso âmbito de acção, mas depois a sua implementação nunca passa por nós, portanto há sempre coisas que nos transcendem, mas que depois em última análise o resultado vai sempre reflectir sobre nós, no sentido que a obra é do flano tal.

Mas no geral, no plano geral, o que guardamos do Côa é que foi um processo muito rico. Poder ter sido bastante experimental e poder utilizar esta vista toda, até a vista que não havia, digamos assim. Portanto isso foi uma coisa simultaneamente muito desgastante, mas ao mesmo tempo muito enriquecedora durante o processo. E o edifício não é fruto de um gesto inspirador, tanto que na arquitectura isso nunca existe, há sim momentos de consolidação de coisas que se foram pensando às vezes até mesmo antes dos projectos existirem e no caso do Côa, a felicidade foi conseguir-se materializar uma série de coisas que chegou com grande intensidade e a maior parte delas que estiveram presentes na obra.

CONCLUSÃO

A imagem que têm do seu trabalho foi mudando ao longo do tempo?

Tiago P.: Em relação a essa questão acho que há duas coisas importantes: uma é que esta obra teve um aspecto particularmente desgaste por ser em Foz Côa, o que obrigou a ter uma presença intensa na obra, portanto foi um processo do ponto de vista físico desgastante. Outro lado, é natural que numa fase inicial não haja um distanciamento necessário para avaliar a obra, até de algumas dessas coisas que falamos anteriormente. Quer dizer, há um processo de distanciamento que é preciso ganhar e só depois se consegue ganhar alguma objectividade.

Eu acho que o que vejo é isso, ou seja, inicialmente o projecto teve muitas versões, aliás até perdi a conta de quantas versões é que o projecto teve e é engraçado, até perigoso porque isso pode levar a que se percam algumas coisas que podem ser importantes. O que eu vejo á distância quando olho para a obra é que esta foi fruto de uma circunstância muito particular, há dez anos em que nós eramos pessoas

diferentes, mas excluindo essa parte, foi uma circunstância muito particular até também por parte do próprio país, havendo uma espécie de optimismo. E acho que a obra é um bocado fruto disso, uma certa ingenuidade, uma certa entrega quase insana, no sentido do que o esforço que se produz não é proporcional ao que deveria ser, mas isso tem a ver com a intensidade com que vive as coisas. Olhando á distância acho que a obra tem uma grande intensidade, independentemente de gostar mais ou menos, é uma obra que tem um carácter forte e acho que isso resulta, independentemente das decisões de projecto em grande parte num ambiente de um certo optimismo e de uma certa entrega que se calhar hoje não era possível.

Camilo R.: Eu estou totalmente de acordo com isto que o Tiago disse, acho que é realmente muito verdadeiro no sentido em que vivemos tudo aquilo de uma forma muito intensa e isso é determinante e também único no tempo, no nosso tempo.

Acho que há uma coisa que me agrada falar, é que a obra está a envelhecer bem, ou seja, está a ser assaltada pela natureza, já há ninhos de andorinha, a vegetação cresce, o betão já começou a ganhar certas manchas e acho que isso é uma coisa que nós queríamos. Nós desejámos que ela comesse a fundir-se cada vez mais com a paisagem. As vezes até dizíamos na brincadeira que se daqui a 100 anos ela se existisse era quase uma ruina já toda cheia de vegetação a tomar conta dela e acho que isso está acontecer, passados quatro anos sente-se que ela está cada vez mais integrada. Não era uma imagem que nós tínhamos há meia dúzia de anos, mas é uma imagem que nós antecipávamos e pelos vistos está a correr bem.

Tiago P.: E outra coisa complementar a isso é a ideia de querermos criar um edifício que fosse para além do âmbito do próprio programa e fosse adoptado como um local e há um fenómeno engraçado que é o facto de muitas pessoas que fazem uma grande solicitação do museu para realizarem lá os seus casamentos. Acho que isso é um fenómeno engraçado que de certa maneira corresponde a isso. As pessoas agora identificam aquilo como se fosse um miradouro e portanto, essa apropriação que foi sendo feita pelo museu, é uma coisa que nos agrada.